

XXIV. SILVANA

1. Versão do Campo de Cima (concelho do Porto Santo), recitada por Filomena Oliveira, 64 anos.
Recolhida por José Joaquim Dias Marques, Pere Ferré e Ana Maria Martins, no dia 06/08/1981.

Passeava dona Silvana por suas corredores acima;
2 o pai a andava mirando todas as horas do dia.
– Bem podias tu, Silvana, seres minha pelo um dia.
4 – Serei um e serei dois, do papai sou toda a vida,
mas as penas do inferno, papai, quem as passaria?
6 – Sou eu, minha filha, que as passo toda a vida.
Vai Silvana para ò seu quarto, mais triste qu’ a noite e o dia,
8 chamava por sua mãe, que há sete anos era falecida.
– O que é que tu me queres, que me queres, filha minha?
10 Empresta-m’ os teus vestidos, teus fatos de cada dia,
qu’ eu quero ir com teu pai, ah, ladrão, o que te queria!
12 – Se eu te conhecer honra, a vida te guardaria,
mas se eu não te conhecer honra, a vida te tiraria.
14 – Como me podes conhecer honra, [.....]
se sou mãe de sete filhos qu’ eu contigo teria?
16 – Ai, que vozes são estas, que vozes tão desmudadas?
– É a nossa filha Silvana que chora, ‘tá desgraçada.
18 – Rei que ‘tás para morrer, Deus vos dê parte na alma,
repartistes os teus bens, a mim não me destes nada.
20 – A João deixo as casas, a Pedro terras lavradas.
– E à nossa filha Silvana, a essa tu não deixas nada?
22 – Lá lhe deixo aquelas bóias, aquelas bóias doiradas,
pe’ uma banda corre oiro, por outra pratas lavradas.
24 – Quando eu nasci neste mundo já as bóias eram tomadas
entre duques e marqueses, todos de espada doirada.

Variantes: 2a. seu pai; 4b. serei do papai toda a; 6a. – Sou eu, dona Silvana.



Ferré/Boto (2008) 355

003-004-001.4